

# Citibank reitera confiança

Da sucursal de  
**BRASÍLIA**

Os créditos de US\$ 3,7 bilhões e o papel de liderança no processo de renegociação da dívida externa brasileira confirmam a confiança do Citibank no Brasil, afirmou ontem o novo vice-presidente sênior do Citibank — maior credor privado do País — para relações com o sistema financeiro e o governo, Alcides de Sousa Amaral. Para mostrar a recuperação da credibilidade brasileira junto à comunidade financeira internacional e, principalmente, ao Citibank, Sousa Amaral informou que o banco lidera uma operação **Club Deal** de quase US\$ 80 milhões a favor da Itaipu Binacional: "Mais importante é que o empréstimo fecha com **oversubscription** — adesão acima do valor colocado inicialmente no mercado — de US\$ 30 milhões.

Com o **Club Deal**, o Citibank começa a acelerar a contratação final de empréstimos integrantes dos **jumbos** de US\$ 4,51 bilhões, de 1983, e de US\$ 6,5 bilhões, deste ano. No caso da operação com a Itaipu, o Citibank ainda utilizará recursos do **jumbo** de 1983. Para Sousa Amaral, a Secretaria de Controle das Empresas Estatais (Sest) facilitou as negociações com possíveis mutuários finais, ao liberar no final de abril a lista com mais de 20 nomes de empresas e Estados — inclui São Paulo, Eletrobrás e Siderbrás, entre os grandes tomadores — habilitados à contratação dos recursos dos **jumbos**.

Mesmo assim, o Citibank, a exemplo dos demais bancos, aguarda a divulgação do abrandamento nas regras dos financiamentos ao setor público para ampliar as operações da Resolução N° 63 do Banco Central — empréstimos externos com intermediação de bancos que operam no País. O vice-presidente do Citibank disse que a limitação dos créditos ao setor público, por meio da Resolução n° 831, funciona como um dos principais instrumentos de controle do déficit do governo e o Banco Central não pode simplesmente abolir os tetos mensais, mas Sousa Amaral argumentou que o Comitê Interministerial de Acompanhamento da Execução dos Orçamentos Públicos (Comor) precisa autorizar logo a rolagem das dívidas em moedas estrangeiras das administrações direta e indireta dos Estados.

Com o teto imposto ao setor público e a economia como um todo ainda em recessão, o novo vice-presidente do Citibank afirmou que, mesmo sem risco cambial a curto prazo, não há demanda por operações 63 e o mesmo acontece com o crédito interno, com a consequente redução dos juros do mercado. Segundo Sousa Amaral, a menor demanda de crédito reflete também a capitalização das empresas, sobretudo pelo engajamento bem-sucedido na atividade exportadora. Por isso,

disse também que o Banco Central ainda não tem de se preocupar com o aumento dos saques nos depósitos voluntários em moeda estrangeira no banco, dentro das normas da Resolução n° 432.

O vice-presidente do Citibank procurou afastar a idéia de que os bancos credores, principalmente, os norte-americanos, estão ganhando com a tendência de alta dos juros nos Estados Unidos: "Os bancos vivem do **spread** — diferencial entre as taxas de captação e de aplicação. Os bancos também não querem a elevação dos juros. Isso não engorda os seus lucros e enfraquece os tomadores dos empréstimos. E o Citibank precisa cuidar da saúde do seu cliente, seja pessoa física ou jurídica ou um País" — observou Sousa Amaral.

Embora com a ressalva de que o Citybank torce para que a **prime-rate** caia a menos de 10% ao ano, o antecessor de Sousa Amaral, Ivo Tonin, pediu aposentadoria no último dia 30, após ocupar por doze anos a vice-presidência **sênior** do banco.